

THEATRO DE S. CARLOS



O MAESTRO GUIMARÃES, AUCTOR DA OPERA BEATRIZ



## OS TITULOS E AS OBRAS

Recebemos pela posta, escripto n'um papel, o seguinte titulo:

*Conde d'Almedina.*

E por baixo estas palavras:

*Pede-se o especial obsequio de dizer o que vem a ser.*

Ha tres dias que esse problema nos atormenta, e eis ahi vão, expostas por sua ordem, as conjecturas que fizemos.

\* \*

Começou por nos occorrer que não poderia deixar de ser uma peça de Eugenio Scribe.

Comedia em tres actos e em prosa. A scena passa-se em Auteuil.

Vista de jardim.

Bonnivet, tabellião, de sobrecasaca cor de café, calças de ganga e chapéu de palha d'Italia, conversa com sua filha, joven de vinte e tres annos, de vestido de musselina branca e pequeno avental de setim preto com topes cor de rosa.

BONNIVET—Que tendes Adriana? Vossas frescas e saudáveis cores esmaecem em vosso rosto, vossa alegria juvenil vos abandona, vossa harpa jaz ha oito dias no salão repudiada de vossos dedos, vosso olhar se perturba quando vos questiono...

## SCENA X

## OS MESMOS E UM CREADO

CREADO (*annunciando*)—Sua excellencia o Conde d'Almedina!

LUIZA (*muito perturbada*)—Meu pae... (*Á parte, vendo entrar o conde*) Meu Deus!... é Oscar!

BONNIVET (*contemplando alternativamente o conde e Luiza. Concentrado e á parte*) Agora comprehendendo tudo.... Amam-se!

\* \*

Tambem podia ser — supposemol-o — uma opera comica.

Muro de quinta com grade de ferro pintada de verde á esquerda do espectador. Arvoredo lateral á direita. Ao fundo as montanhas do Tyrol. Córó de camponeses de um e outro sexo.

Ouvem-se estalos de chicote e campainhas.

Camponezes, dirigindo-se ao fundo e agrupando-se nos outeiros, acenam com os chapéus.

Uma caleça apparece, entrando pela direita.

CÓRO DE CAMPONEZES—Viva nosso amo! Viva o nobre conde d'Almedina! Viva! viva!

CONDE (*sahindo da caleça e fazendo um gesto de silencio ao córó*)—Meus filhos!...

Preludio na orchestra. Segue uma romanza de tenor pelo conde d'Almedina.

\* \*

Não sendo nenhuma d'essas duas coisas, deveria ser um drama.

Interior de uma pequena estalagem na Bretanha.

Mesa tosca, com picheis de barro vermelho e copos de lata, cercada de bancos rusticos. Porta ao fundo.

O velho Bertrand e Victoria, sua mulher, levantam a mesa á luz de uma lanterna, vestem ambos trages campestinos.

E' noite.

Ouvem-se duas argoladas á porta do fundo.

BERTRAND—Quem teremos a taes deshoras?

VICTORIA—Viajores por ventura que pedem gasalhado.

BERTRAND (*abrindo*)—Guarde-vos Deus, e entrae, que fatigados heis de vir de jornadas pelos despenhadeiros da nossa Bretanha!

(*Dois lacaios entram trazendo duas malas que collocam no segundo plano á esquerda. Segue-os um vulto, embuçado n'uma longa capa, com chapéu tricorne e esporas de cavalleiro, batendo nas botas com o cabo do chicote como que para sacudir a neve.*)

EMBUÇADO (*a Bertrand*)—Acha-se pernoitando aqui um gentilhomem, capitão das guardas, que devia ter chegado pela tarde, acompanhado de tres mosqueteiros?



BERTRAND (*balbuciando*)—Sim... meu... senhor!...

EMBUÇADO—Ide dizer-lhe que o conde d'Almedina o aguarda n'esta sala. (*Bertrand sae trocando signaes com Victoria. Aos lacaios:*) Olá! recolhei os meus cavallo e velae porque nada falte a esse timorato pastor que nos conduziu atravez dos precipicios (*Atira-lhes com uma bolsa cheia d'ouro. Os lacaios saem. O conde, ficando só, des-embuça-se, arrojando a capa. Pende-lhe do pescoço a cruz de S. Luiz. Olhando em deredor, e collocando um par de pistolas sobre a mesa:*) Agora nós, marquez de Seneterre! (*Crusando os braços no peito e olhando com intrepidez para a porta por onde sahiu Bertrand:*) Viva Deus, que sabereis hoje quem é um Almedina!

\*  
\*   \*  
\*

Se tambem não é isto, poderá talvez ser então uma simples aria. Palavras tiradas da *Lucrecia Borgia*, de Victor Hugo, musica de Donizetti.

Almedina, signora, son io...  
Lá-la-ri! lá-la-ri! lá-la-ro!

\*  
\*   \*  
\*

Se porém não é aria nem comedia nem drama nem opera comica, tem de ser por força, em tal caso, um romance de cavallaria:

#### CAPITULO IV

*De como o cavalleiro Reynaldos sahindo a jardins de palacio para fallar com Magalona, filha do rei de Mantua, ahi se encontrou com o conde d'Almedina, vestido de armas brancas, e do que entre elles houve.*

Estava a formosa princeza D. Magalona, de cujas prendas já atraz dissemos, discreateando entre galhofeira e magestosa, com o cavalleiro Reynaldos, que lampeiro sahira de palacio, accendido em fragoa, e atrahido pela formosura da don-

zella, a quem fez grande veneração, pondo-se em giolhos deante d'ella, e dizendo-lhe com grandes espiritos de alegria que só para a ver e honrar se partira da corte de Napoles para a de Mantua, correndo justas e quebrando lanças, o que tudo explicou em termos mui louções e cultos proprios da sua prosapia, que era da mais nobre e subida.

E com tão acertadas razões vingou expressar-se, que quanto mais o cavalleiro proseguia no discurso, tanto mais subia no peito da princeza a chamma do amor todo em Reynaldos radicado, estando a donzella suspensa d'ouvir as vastas cavallarias e as bem medidas e conceituosas fallas de cavalleiro tão prodigioso.

De tal arte e maneira se reciprocaram as quenturas d'aquelles dois ternos e amantissimos corações que já Magalona nenhuma outra coisa via no universo senão Reynaldos, já nenhuma outra coisa Reynaldos no universo via senão Magalona!

Emudecidos e suspirosos, estiveram por algum tempo a princeza e o cavalleiro, não podendo mais articular palavra, ella de enleada, elle de rendido, até que feitas as cortezas de parte a parte, ambos se dispunham a retirar-se, Magalona para palacio, onde o rei a essa hora estava dormindo a sesta, e Reynaldos para sua pousada.

Porém, mal cortezas eram feitas, quando sae horrido e minaz d'entre a espessura das mur-tas o conde d'Almedina, que de Saboya viera a requestar a mão da princeza pelo muito que lhe haviam dito de suas prendas.

Com os olhos esbrazeados em sangue e escu-mando pela bocca, coisa horrivel de dizer, o conde arrancou da espada; o mesmo fez o cavalleiro; e depois d'alguns talhos e revezes, que puzeram na dama um grande susto, como o conde houvesse mister de regressar á murta para satisfazer uma necessidade corporea, Reynaldos o trespassou pelos bofes com uma estocada d'a-quellás que na destreza da espada preta chamam instantaneas.

Em seguida se separaram com grande com-postura e decoro os dois fieis amantes, muito satisfeitos e alegres, prometendo a princeza Ma-



O DOJE  
GALERIA CLASSANTONIO MARIA



LEONARDO DE VINCE - PINTOU

RAPHAEL BORDALLO YINHEIRO  
Lyon - Paris



galona tomar por esposo o cavalheiro Reynaldo, visto como perecera na murta o feroz conde d'Almedina.

\*  
\*   \*  
\*

Ou, por ultimo — e é esta a derradeira de todas as hypotheses que temos por admissiveis — é possível ainda que se trate de uma legenda mourisca.

Na veiga de Granada achava-se D. Mafalda, no balcão do Castello, tangendo um bandolim.

Passou o rei Ramiro, que andava a montar, entre mouros de lança e besteiros, ao som de sonoras bosinas e de bem afinados cornos.

E D. Mafalda, discreta, fez que não via o poderoso rei Ramiro, que todo elle era olhos para ella.

Passou depois o rei Almançor seguido dos mais lusidos cavalleiros da Barbaria, e logo tambem se poz a jogo de physionomia para a janella apenas avistou a bella D. Mafalda, que continuava tangendo, sem olhar para Almançor.

Appareceu afinal um nobre e joven moiro, que costumava sósinho passear as tardes pela veiga de Granada.

D. Mafalda o viu e lhe fez olho de conta, ao que o moiro gentil correspondeu arregalando para a castellã dois olhos como dois pucaros.

No dia seguinte, á hora de prima, logo que se baixou a ponte levadiça, D. Mafalda recebeu da mão de um pagem vestido de seda um pergaminho escripto em arabigo e contendo as seguintes linhas :

*Senhora :*

*Vêr-vos e amar-vos foi obra de um só momento. Peço-vos que, além de nos correspondermos d'olho, permitaes que nos correspondamos tambem por meio de antigos codices no gosto d'este que ora vos endereço.*

*Não pertenco — crede-o — a essa pelintragem vil da Moirama, a que vós outros, godos, chamaes vulgarmente «eunuchos.»*

*Nobre sou e de nobre me preso.*

*Consenti, senhora, que terno e respeitoso eu deponha um sentido osculo sobre a cacheira do suavis-*

*simo instrumento musical que hontem dedilhaveis em vosso balcão.*

*Esperando ancioso um codice medievico vosso, crêde-me, senhora*

VOSSO ESCRAVO

CONDE D'ALMEDINA.

\*  
\*   \*  
\*

Imaginem qual não foi a nossa dolorosa decepção e terrível surpresa ao sabermos agora, depois de feitos tão profundos estudos, que o titulo de *conde d'Almedina* é nem mais nem menos que o de um illustre fidalgo contemporaneo, elevado pelo principe á grandeza do reino na quinta feira passada.

Ludibrio e maldição !

\*  
\*   \*  
\*

A culpa do erro grosseiro em que incorremos, e que sinceramente confessamos, devemos porém dizer que não é só nossa. Ella cabe tambem ao monarcha caridoso que põe ou que deixa pôr aos seus vassallos titulos tão capciosos como este.

Qualquer outro sabio — ousamos dizel-o — cahiria como nós n'esta esparrella.

Não ha douto nenhum — mas nenhum ! — que dando-se-lhe o titulo de *conde d'Almedina* para objecto de suas meditações — qual nos foi dado a nós — não desvair como nós desvairamos.

Titulos d'estes não se lançam á circulação publica. São titulos de algibeira para armar aos estenderetes dos espiritos que se presam de cultos, são ratoeiras abertas pela *munificencia regia* ao zelo dos eruditos e ao ardor dos estudiosos.

\*  
\*   \*  
\*

Em tempos de mais boa fé e de mais lisura do que aquelles que desgraçadamente atravessamos, quem era conde, marquez, visconde ou barão, era-o, sempre e invariavelmente, de alguma cidade, villa ou aldeia.



Este uso tinha um alcance enorme sobre a vulgarisação dos conhecimentos geographicos entre as altas classes sociaes. Uma pessoa medianamente bem relacionada aprendia suavemente e sem esforço os nomes de todas as terras do reino e os das ilhas adjacentes pelos nomes das pessoas com quem jantava ao domingo nas casas de fóra.

Os titulares d'esse tempo ensinavam e instruíam o publico. Quando elles se reuniam na camara dos dignos pares ia a gente vel-os da galeria, e era o mesmo que se estivesse um homem com o atlas e com o dictionario do Bouillet deante dos olhos.

\*  
\*   \*  
\*

Mais tarde, quando principiaram a escacear os nomes de terras para os titulos, por ser o numero dos titulares superior ao numero das freguezias, a nobresa lançou-se com uma avidez extremamente louvavel sobre as arvores de fructo.

A apparição ainda recente do illustre e bem conhecido visconde do Marmeleiro parecia destinada a abrir no nobiliario portuguez uma nova era, que se iria seguir á era da geographia, — a era da compota.

É lastima que se não desenvolva este meio tão simples de augmentar os conhecimentos uteis, n'esta epoca em que de dia para dia tende a diminuir a força de trabalho precisa para adquirir esses conhecimentos por outro modo.

Ainda agora o snr prior dos Anjos vem ajudar a faser mandriões, negando a absolvição dos peccados áquelles que trabalham ao domingo. Que linda perspectiva para os actores, para os jornalistas e para os typographos, — se elles costumassem confessar-se!

\*  
\*   \*  
\*

Emquanto ao titulo de Almedina lamentamos que elle venha lançar a perturbação na critica, sem de modo algum augmentar o cabedal dos conhecimentos geraes da massa com alguma nova noção de geographia ou de botanica.

Lemos em um jornal que Almedina é o nome de um chafariz de Vizeu, d'onde o aggraciado é oriundo. Trata-se de certo de alguma gloriosa fonte historica, em que provavelmente costumariam beber ao ir e ao voltar das crusadas os cavallos dos gloriosos descendentes do nobre conde.

E comprehende-se que o illustre fidalgo, não podendo pôr o seu titulo em communicação com essa fonte por meio de um cano, folgue de o aliar a ella por intermedio da particula heraldica dos genitivos de possessão.

Receamos porém que este facto venha a constituir um precedente perigoso para a pompa e para o prestigio da nobresa nacional.

Por esta senda fóra viremos a ter amanhã um marquez do chafariz do Carmo, um conde do Poço dos Moiros, um barão da Bica do Sapato.

Parece-nos que uma aristocracia que procura reconstituir-se em tres bases se arrisca a vir a ser um dia confundida com uma simples sucursal da Companhia das Aguas.

As familias nobres representar-se-hão á imaginação dos povos sob a fôrma de carrancas, vertendo a sua substancia, por canudos de ferro mettidos na bocca, para dentro de canecos.

Mais tarde, quando o ultimo dos aguadeiros, restos paleontologicos de uma civilisação extincta, houver desaparecido da superficie da terra como desapareceu o mastodaxte, o serviço das aguas no domicilio das familias durante a primeira metade d'este seculo virá a ser calculado pela estatistica dos condes, assim como hoje o pode ser pela computação dos barris caseiros.

\*  
\*   \*  
\*

Precisamente n'esta mesma semana, em que pela repartição das graças se creara o primeiro conde de um chafariz, pela camara dos snrs deputados, era votado o novo imposto sobre o sal.

Approximem esses dois factos, e digam-nos se não estão vendo n'elles o proposito sinistro em que parece acharem-se os poderes publicos de acabar de vez com a antiga aristocracia do sangue, substituindo-a por uma nobresa nova — d'agua doce!





## CASOS DA SEMANA



O NOVO CONDE